



**RESENHA:**  
**INTERPRETAÇÃO: AUTORIA, LEITURA E EFEITOS DO**  
**TRABALHO SIMBÓLICO, DE ENI P. ORLANDI**

**Katia Cristina Schuhmann Zilio<sup>1</sup>**

A obra *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, de Eni P. Orlandi<sup>2</sup>, procura tomar a interpretação como gesto indispensável para ligar o sujeito à história para a produção de sentidos. No capítulo 7, denominado “Dispositivos de Interpretação”, a autora põe em discussão os dispositivos da interpretação, abordando, nesse espaço, a questão da leitura como construção de um dispositivo teórico, que Orlandi reconhece ter relação com a materialidade da linguagem, da sua não transparência, e da necessidade do dispositivo para trabalhar a espessura linguística.

A autora considera a opacidade da linguagem elemento importante para o trabalho do analista visto que há, nesse trabalho, o olhar de quem analisa como constitutivo do sentido para a interpretação. É no deslizamento, próximo, porém distinto, que se instalam as formações discursivas. Todo enunciado é, pois, linguisticamente descritível, porém, o que interessa ao analista são os pontos de deriva nos quais língua e ideologia se ligam pelo equívoco.

Ao analista cabe, diferente do sujeito leitor, a alteridade de cientista apoiado no dispositivo teórico, pois este (o dispositivo) é capaz de deslocar a posição do analista, trabalhando a opacidade da linguagem, a sua não-evidência, mediando a relação do sujeito com a interpretação. O sujeito leitor, não analista, todavia, inscreve-se em uma formação discursiva e se reconhece nos sentidos que produz tomando-os como seus.

O dispositivo colabora, então, para o gesto de interpretação do analista descrevendo montagens discursivas, trabalhando para compreender os processos de significação em que trabalham o texto verificando seus mecanismos de funcionamento, determinando os gestos que trabalham naquela discursividade.

Como os sentidos nunca estão soltos, Orlandi destaca, no texto, que o espaço da interpretação no sujeito medieval dependia de Deus e a partir do século XVII passa a depender da língua. Por isso, o analista ao usar o dispositivo de interpretação o faz percebendo-se sujeito intérprete do equívoco do sujeito marcado pela ideologia. O analista não pode, então, estar indiferente a todos esses aspectos do funcionamento da interpretação, evitando-se chegar à verdade do sentido, mas estando atento às suas diferenças.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Professora da Universidade do Contestado – UnC. Email: katiazilio@bol.com.br.

<sup>2</sup> Professora graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (1964), possui mestrado em Linguística pela USP (1970) e doutorado em Linguística pela USP e pela Universidade de Paris/Vincennes (1976)

## REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.